



CRISE INTERNACIONAL

Biden diz que invasão à Ucrânia já começou

Segundo o presidente dos EUA, ao reconhecer a independência de duas repúblicas separatistas no leste ucraniano, Moscou cria "argumento para tomar mais território à força". Putin tem aval do parlamento para enviar mais soldados à região e diz que formará uma "tropa de paz"

O reconhecimento da independência de duas repúblicas separatistas no leste da Ucrânia, anunciado na segunda-feira pelo presidente Vladimir Putin, é, para os Estados Unidos, o início da invasão russa ao país vizinho. A declaração, feita por Joe Biden quase 24 horas depois do anúncio da polêmica decisão tomada pelo Kremlin, parece afastar ainda mais as chances de uma solução diplomática à crise internacional. Isso porque, segundo Biden e aliados, a intenção de Moscou é protagonizar um "ataque em larga escala" que, avisou o americano, terá reação: "Se a Rússia tem um novo movimento pronto, nós também temos." Putin, por sua vez, também não dá sinais de recuo. Ontem, deu um passo adiante ao estabelecer relações diplomáticas com os dois enclaves separatistas, Donetsk e Lugansk, e conseguiu aprovação unânime do parlamento para o envio de tropas à região para a formação do que chama de uma "forças de paz".

"Ele está criando um argumento para tomar mais território à força", criticou Biden. "E se ouvimos seu discurso na noite passada (de segunda), ele está criando um argumento para ir mais longe", prosseguiu. O presidente reafirmou que não enviará tropas dos Estados Unidos para lutar diretamente com a Rússia — em outra ocasião, argumentou que um confronto entre soldados americanos e russos significaria uma "nova guerra mundial" —, mas continuará a fornecer armas "defensivas" à Ucrânia e a enviar mais militares para reforçar os aliados da Otan no leste europeu. "Autorizei novos envios de forças americanas e equipamentos, já posicionados na Europa, para reforçar nossos aliados bálticos, Estônia, Letônia e Lituânia", acrescentou.

Biden também detalhou as sanções contra Moscou — anunciadas na segunda e consideradas por ele mais duras do que as tomadas em 2014, quando a Rússia anexou a região da Crimeia — e enfatizou que se tratava da "primeira parcela" das retaliações. O objetivo agora é focar as finanças russas e sua elite política, na esperança de que a pressão impeça uma invasão em larga escala da Ucrânia. "Estamos implementando sanções sobre a dívida soberana russa. Isso significa que interrompemos o financiamento ocidental ao governo da Rússia", disse. Com isso, prosseguiu, "Moscou não pode mais levantar fundos no Ocidente e negociar sua nova dívida nem em nossos mercados, nem nos mercados europeus".

As medidas também visam atingir o VTB, o banco de desenvolvimento do Estado, o "banco militar"

AFP



O dirigente americano também detalhou "a primeira parcela" de sanções contra Moscou: foco em efeitos financeiros

Onde fica



russo e membros das "elites" do país. "Eles compartilham os ganhos corruptos das políticas do Kremlin e também devem compartilhar a dor", justificou Biden. Havia a expectativa de que Washington tentaria controlar atividades de exportação na Rússia, o que poderia cortar o acesso de companhias do país a equipamentos-chave de alta tecnologia e software, mas não houve sinalizações nesse sentido no pronunciamento do presidente americano.

Os europeus anunciaram suas sanções um pouco antes. Segundo o chefe da diplomacia francesa,

Jean-Yves Le Drian, os ministros das Relações Exteriores do grupo "concordaram, por unanimidade, com um pacote inicial" de retaliações. As medidas, na avaliação do chefe da diplomacia da UE, Josep Borrell, "prejudicarão muito a Rússia". Uma delas, especificou Borrell, será o bloqueio de ativos e a proibição de vistos para 351 deputados russos. Além disso, o chanceler alemão, Olaf Scholz, anunciou que suspendeu a autorização do contêiner gasoduto Nord Stream 2, que liga a Rússia à Alemanha, evitando passar pela Ucrânia. Em Londres, o primeiro-ministro

AFP



Imagem de um possível hospital de campanha russo na fronteira

britânico, Boris Johnson, anunciou ter afetado cinco bancos russos e três bilionários, vetando-os de seu sistema financeiro.

Pedido de armas

Kiev, por sua vez, pediu aos líderes do ocidente mais apoio para enfrentar o governo russo. Em visita, ontem, a Washington, o ministro ucraniano das Relações Exteriores, Dmytro Kuleba, disse que alertou o país anfitrião e o Reino Unido que precisa de armas. "Mobilizaremos o mundo inteiro para conseguir tudo o que precisamos para reforçar

nossa capacidade defensiva", afirmou. O ministro também informou que "fez um apelo à União Europeia para deixar de lado qualquer dúvida, relutância e todo o ceticismo existente nas capitais europeias e prometer à Ucrânia uma futura adesão".

O fim da proximidade da Ucrânia com o Ocidente, porém, é uma das principais condições impostas por Moscou para a desescalada das tensões. Ontem, Putin desafiou a postura do Ocidente — que nega a Moscou o direito de opinar sobre quem pode ingressar no bloco — observando que "a melhor solução

» Reunião cancelada

O secretário de Estado americano, Antony Blinken, informou, ontem, ter cancelado uma reunião prevista para amanhã com seu contraparte russo, Serguei Lavrov, por causa da "invasão à Ucrânia" por parte de Moscou. "Agora que vemos que a invasão está começando e que a Rússia deixou claro seu completo repúdio à diplomacia, não faz sentido seguir adiante com essa reunião neste momento", justificou. Logo depois, a porta-voz do governo americano, Jen Psaki, descartou um encontro entre Biden e Putin, sugerido recentemente pelo presidente francês, Emmanuel Macron.

seria que as autoridades atualmente no poder em Kiev se recusassem a entrar na Otan e permanecessem neutras". O dirigente russo voltou a dizer que não reconhece a soberania ucraniana, que, segundo ele, é um "fantoche" do Ocidente, e foi categórico a afirmar que os acordos de paz de Minsk — assinados, em 2015, para evitar os confrontos na fronteira com a Ucrânia — não existem mais.

Segundo Putin, a manutenção da paz na região poderá vir pela ação militar. Ontem, ele recebeu sinal verde do Senado para mandar soldados a Donetsk e Lugansk e, potencialmente, a outras partes da Ucrânia com esse objetivo. O envio, afirmou, "vai depender da situação no terreno", apesar de relatos de que o país dono de um dos maiores arsenais militares do planeta já tem soldados dentro dos territórios controlados pelos separatistas (veja mapa). Imagens da construção de um hospital de campanha em uma região de fronteira e do envio de suprimentos de sangue e equipamentos médicos também indicam, segundo Biden, que há um plano de invasão.

Em um discurso forte, o secretário-geral da ONU, António Guterres, criticou os argumentos do Kremlin. "Quando as tropas de um país entram no território de outro país sem o seu consentimento, não podem ser consideradas forças de paz imparciais (...) e, como tal, não são forças de manutenção da paz". Guterres alertou que os princípios da Carta das Nações Unidas não podem ser usados seletivamente. "Todos os Estados-membros os aceitaram e todos devem aplicá-los (...) Neste momento crítico, peço um cessar-fogo imediato e a restauração do Estado de Direito."

Governo brasileiro defende "solução negociada"

Em meio a críticas sobre como tem se posicionado na crise entre Moscou, Kiev e líderes do Ocidente, o governo brasileiro divulgou uma nota defendendo "a imediata desescalada" da tensão e "uma solução negociada" para o conflito. Em nota, o Itamaraty defende que a solução do problema tem que levar "em consideração os legítimos interesses de segurança da Rússia e da Ucrânia e a necessidade de respeitar os princípios da Carta das Nações Unidas."

O texto reproduz a declaração

do embaixador Ronaldo Costa Filho, representante do país na ONU, feita durante a reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas no fim da noite de segunda. O encontro de emergência durou uma hora e meia e foi um dos desdobramentos do anúncio feito pelo presidente Vladimir Putin em que ele reconheceu a independência de duas repúblicas separatistas no leste da Ucrânia. Na reunião de emergência, a maioria dos países membro condenou a decisão. A presidência

Ameaça aos direitos humanos

A Organização das Nações Unidas alertou ontem sobre "um risco crescente de violações dos direitos humanos" com a escala militar na fronteira entre a Ucrânia e a Rússia. A alta comissária para os direitos humanos da instituição, Michelle Bachelet, se declarou, em comunicado, "profundamente preocupada" com os desdobramentos dos confrontos na região, assim como com a possibilidade de violações do direito humanitário internacional. "Peço a todas as partes que acabem com as hostilidades e abram um caminho para o diálogo e não para a violência", escreveu. Os confrontos no leste da Ucrânia causaram mais de 14 mil mortos desde 2014, após a anexação da Crimeia por Moscou.

rotativa do Conselho é ocupada atualmente pela Rússia. A manobra de Putin acirrou a crise internacional e pode,

segundo especialistas, favorecer uma investida militar no resto da Ucrânia, considerando que os confrontos estão cada

vez mais acirrados na área separatista e que o presidente russo tem alegado que poderá mandar forças militares para garantir a paz na região. A estimativa é de que haja 150 mil soldados russos no local.

A nota do Itamaraty não faz referência a Putin, que recebeu, na semana passada, o presidente Jair Bolsonaro. Após o encontro, o brasileiro disse que o colega russo queria a "paz" e indicou que o Brasil era solidário com qualquer país que buscasse solucionar os

conflitos de forma pacífica. A viagem, porém, foi criticada pela Casa Branca.

Segundo a secretária de imprensa do governo americano, Jen Psaki, a visita a Putin deixou o Brasil em posição contrária à da comunidade global. "Invadir um outro país, tentar tirar parte do seu território e aterrorizar a população certamente não está alinhado com valores globais e, então, acho que o Brasil parece estar do outro lado de onde está a maioria da comunidade global", justificou Psaki.